

ARMAND ROBIN: A PULSÃO POLITRADUTÓRIA

Maria Emilia Pereira Chanut (UNESP)¹

Resumo: Em sua obra *L'épreuve de l'étranger* (1984), Berman propõe uma teoria sobre o sujeito polítradutor que vincula a pulsão do traduire do poète breton Armand Robin a uma visada metafísica – definida por este autor como a busca romântica da “pura língua”. No presente ensaio, essas conclusões são reavaliadas a partir de referências inéditas sobre o poeta abordadas antecipadamente. Embora ele tenha renunciado a ser Autor e tenha proclamado a negação de si mesmo (rejeição), subjazem a essa crônica exaltada denominada non-traduction tanto a tentativa de subverter uma tradição francesa etnocêntrica quanto o desejo íntimo de se ver autor (afirmação e aceitação).

Palavras-chave: Armand Robin; alteridade; polítradução; non-traduction.

Introdução

Armand Robin (1912-1961) era um polítradutor prodigioso: foram encontrados textos dele traduzidos em pelo menos 22 línguas, a maior parte traduções de poesia, sem contar os que desapareceram. Desde a publicação de seu primeiro livro – uma coletânea com poemas seus e outros traduzidos, intitulada *Ma Vie sans Moi* (1940) –, Robin quis que as traduções fossem apresentadas como obras de sua própria autoria, e inclusive que não se pudesse fazer a diferença entre as duas. Em seguida, deu definitivamente prioridade às traduções, tanto nas publicações quanto nos programas de poesia na rádio.

Foi lendo e traduzindo *L'épreuve de l'étranger* (1984), de Antoine Berman, que tomei conhecimento da obra de Armand Robin, um poeta-tradutor bretão pouco conhecido na França, ou seja, é um autor praticamente excluído da *Histoire de la Littérature Française*. Nesse sentido, a presença de um autor como Robin na obra de Berman é um fato surpreendente que marca a retomada da obra valiosa de um poeta contemporâneo relegado ao esquecimento. Berman demonstrou ter um interesse particularmente especial por Robin, pois o retomou em *Pour une critique des traductions: John Donne* (1995), sua obra póstuma. O ineditismo da questão da pulsão

¹ Professor Doutor Assistente. IBILCE-UNESP SÃO JOSÉ DO RIO PRETO-SP. E-mail: chanut@ibilce.unesp.br.

tradutória sobre a qual o próprio Berman havia indagado. “O que é essa pulsão?” ele interrogava ainda em 1995, sua derradeira obra.

Já nos momentos finais deste trabalho, tive o privilégio de vislumbrar a dimensão do fascínio que Robin exerceu sobre Berman, ao obter uma cópia digitalizada da entrevista inédita concedida a Mireille Guillet por ocasião de sua tese de doutoramento em Letras na *Université de Provence* (1988). Berman afirma que Robin “é único e incomparável”, e quando Guillet sugere compará-lo com Philippe Jaccottet, Berman declara que este último “permanece *aquém* de Robin [porque] Robin é de uma outra 'raça', loucamente imprudente”. A parte final é a mais expressiva da entrevista, em que Berman revela a sua total perplexidade diante desta figura singular quando indaga:

O estranho de si-mesmo, em Robin, não é que seu próprio fundo linguageiro (seu humus) é o dialeto de uma outra língua diferente daquela “dentro” da qual ele traduz “todas” as línguas do mundo; não é que ele traduz, perpetuamente, *dentro de sua primeira língua estrangeira*? Não posso dizer mais sobre isso, na falta de conhecer suficientemente o *ser-em-línguas* de Robin. (Guillet 1988)²

Logo no início de *A prova do estrangeiro*, Berman apresenta um poeta bretão “que tinha, por assim dizer, duas línguas maternas, o *fissel* – um dialeto bretão – e o francês” (2002: 23). Coincidentemente, a mesma informação consta na edição de 1986 do romance de Robin, *Le Temps qu'il fait*, da Editora Gallimard. Na apresentação do romance, o professor bretão Jean Bescond informa que um autor anônimo consegue, numa brevíssima biografia de Armand Robin, cometer “apenas” 17 erros, ou equívocos. Um dos mais flagrantes refere-se justamente ao *fissel*, que *não é uma língua* – Robin era bretão e falava bretão –, mas é uma região, *un pays*, como se diz na França, e também uma dança desse lugar. As fontes equivocadas desse autor e as de Berman provavelmente devem ter sido as mesmas. Pareceu-me, sobretudo, estranho ouvir Berman falar tranquilamente de “duas línguas maternas” – até os seis anos de idade, Robin só falava uma língua, o bretão. O fragmento poético abaixo, retirado de *Fragments*, pode testemunhar como foi para ele essa experiência de aprender uma segunda língua:

Lembrarei-me sempre de ter aprendido o francês;
 Foi por grandes atalhos em declive
 Foi sob plantas inclinadas;
 Um livro sob meus olhos enquanto andava.
 No início li Pascal, depois aprendi

² No original francês: *L'étrange de soi-même, chez Robin, n'est-ce pas que son propre fonds langagier (son humus) est le dialecte d'une autre langue que la langue « dans » laquelle il traduit « toutes » les langues du monde ; n'est-ce pas qu'il traduit, perpétuellement, dans sa première langue étrangère ? Je n'arrive pas à en dire plus, faute de connaître suffisamment « l'être-en-langues » de Robin.*

Que o francês era também uma língua falada
 Que eu devia em minha boca colocá-la³. (1992: 115)

Robin diz claramente ter aprendido primeiramente a ler em francês, e somente mais tarde a falar, o que prova que ele realmente nem ouvia o francês em casa e, portanto, nunca teve “duas línguas maternas” — além de se tratar de uma afirmação que, de qualquer maneira, a meu ver, não pode ser feita tranquilamente, tanto do ponto de vista da psicanálise quanto a partir da releitura da problemática tal como proposta por Derrida em *Le monolinguisse de l'autre* (1996).

Percebe-se que a *pulsão* de Robin não traduz o *desejo consciente* de uma língua pura universal, ou apenas o *desejo inconsciente* da língua uma materna: trata-se de habitar um espaço *entre línguas*, jamais puro: lugar de passagem que o liga à loucura da mãe. Essa dupla articulação de aproximação e afastamento das línguas que precariamente *o habitam* constitui o único movimento que a *pulsão tradutória* realmente realiza — só verdadeiro enquanto *acontecimento* — criação de língua. Não parece viável reduzir a questão à metafísica ou à psicanálise, mas convém reuni-las naquilo que têm em comum e essencial para o trabalho do polítradutor, a saber, a manifestação da profunda necessidade ontológica dos outros — num sentido heideggeriano da possibilidade de múltiplas existências — em permanente conflito com a impossibilidade de alcançá-los inteiramente. Compreender *como* Robin manifesta a *pulsão* e qual sentido pode ter essa *repetição* por si mesma parece um gesto muito mais ético e compreensivo do que querer explicar sua visada última ou sua origem primeira.

Para conhecer um pouco do trabalho de tradução de Robin, sugiro um cotejamento tomando um trecho de um poema bretão do século VI, muito conhecido na Bretanha. A tradução para o francês mais conhecida é a de La Villemarqué e figura na obra *Barzaz Breizh* do século XIX (p. 39-42). Em *Poésie sans passeport* (1990: 89), temos apenas a tradução de Robin ao lado do original bretão, mas o objetivo neste ensaio foi justamente o de comparar a sua tradução com a de La Villemarqué.

(texto em bretão)

Ar roue Gradlon a venne :
 - Koanourien da, da eo gan-e
 Monet da gouski eur banne.

³ No original francês: *Je me souviendrai toujours d'avoir appris le français/Ce fut par de grands sentiers en pente/Ce fut sous des plantes penchées/Un livre sous mes yeux pendant que je marchais/Je lus d'abord Pascal, ensuite j'ai appris/Que le français était aussi une langue parlée/Que je devais me la mettre dans la bouche.* A biografia e a obra do poeta tradutor bretão, assim como os poemas traduzidos por mim foram divulgados pela primeira vez no Brasil, num artigo escrito por mim e publicado nos *Cadernos de Literatura em Tradução* n.6 (2005).

- *Da gouski afec'h antronoz;*
Manet-hu gan-e-omp-ni fenez:
Hogen pa vennit-hu, bennoz!

Serc'heg a gomze war ma oue
Flourik-dour ouz merc'h ar roue
 - *Klouar Dahut, nag ann alc'houe?*

- *Ann alc'houe a vezo tennet;*
Ar puns a veto dibrennet:
Pez a ioulit-hu ra vo gret!

<p><i>Submersion de la ville d'Is</i> Tradução: La Villemarqué</p>	<p><i>L'envoi d'eaux sur Ker-is</i> Tradução: Armand Robin</p>
<p><i>Le roi Gradlon parla:</i> <i>"Joyeux convives, je veux aller dormir un peu.</i> <i>- Vous dormirez demain matin; demeurez avec nous ce soir; néanmoins, qu'il soit fait comme vous le voulez. -</i></p> <p><i>Sur cela, l'amoureux coulait doucement, tout doucement ces mots à l'oreille de la fille du roi :</i> <i>- Douce Dahut, et la clef ?</i> <i>- La clef sera enlevée ; le puits sera ouvert : qu'il soit fait selon vos désirs!"</i></p>	<p><i>Le roi Gradlon leur a parlé :</i> <i>"Gais banqueteurs, continuez!</i> <i>- Je vais un peu m'ensommeiller!</i></p> <p><i>- Vous dormiriez après la nuit!</i> <i>Restez avec nous cette nuit</i> <i>Vous nous quittez ? Soit ! Bonne nuit!"</i></p> <p><i>Doux, tout doux, l'Amant roucoulait, A la fille du Roi coulait :</i> <i>"Douce Dahut, où donc la clé ?</i></p> <p><i>-La clé, pour vous je la prendrai;</i> <i>Le puits, pour vous je l'ouvrirai;</i> <i>Ce qui vous plaît, sûr, sera fait!"</i></p>

Comparando as duas traduções do texto bretão, o estilo de Robin se sobressai nitidamente, estando muito mais próximo da vitalidade da forma dialógica do original, com seu ritmo ligeiro, abreviado, num tom familiar e alegre, mais próximo da oralidade da linguagem, buscando os versos e as rimas originais; totalmente diferente do texto linear e discursivo do outro tradutor, totalmente desprovido de entonação poética, numa transposição dita semântica que apenas “comunica” o que foi dito em bretão.

Este ensaio buscará, a partir de um esboço teórico, por um lado, entender a *posição subjetiva e idealista* do poeta-tradutor, explícita em suas reflexões. Assim como avaliar – por meio da análise e da reconstituição da posição tradutiva – as escolhas

assumidas na elaboração do texto da tradução, e que tipo de relação o tradutor travou com a língua do outro e com a sua própria.

Tradução & Alteridade

Alteridade define o que é *outro*, o que é distinto do mesmo, ou seja, oposto ao idêntico, ao *próprio*. Contudo, há sempre nesse outro algo que intriga, que desperta a curiosidade, algo que se desejaria ter e não se tem. É essa a mola propulsora da identificação. Verifica-se comumente uma busca idealizada das marcas identitárias do outro que nos seduzem. Mais especificamente, na psicanálise de Freud e Lacan, a busca da identidade é interpretada como o desejo primário presente no ser humano de resgatar a mais fundamental experiência afetiva de identificação, aquela vivida com a mãe quando éramos “um só” com ela. É, no entanto, a própria psicanálise que desfaz essa ilusão de completude, essa pretensão de síntese e da unidade do Eu, apontando o impossível desse desejo.

Esse desejo de união e identificação é particularmente intenso na atividade tradutória, em que a experiência da alteridade adquire relevância do ponto de vista ético da *relação com o outro*. Numa perspectiva oposta, etnocêntrica, o texto é manipulado ao bel prazer do tradutor, fazendo dessa experiência um ato que nega a ética da tradução. Podemos compreender melhor de que maneira a alteridade tem sido evocada no pensamento contemporâneo retomando algumas reflexões de autores que se aprofundaram nessa questão.

Cabe evocar aqui o conceito de alteridade presente na experiência de antropofagia no movimento modernista brasileiro, uma vez que essa questão está fortemente impressa na teoria da tradução de Haroldo de Campos (1962, 1967). O caráter emancipatório do movimento, que iria inicialmente definir uma nova identidade brasílica, refletiu-se na busca do eu individual, o qual buscou a liberdade estética e a desvencilhar-se das convenções, das normas institucionais e das clássicas exigências culturais. Instalou-se, a partir daí, o desvio do mesmo em direção à diferença, e o que inicialmente era desejo antropofágico evoluiu para um estranhamento produtivo. Em outras palavras, apropriar-se do outro possibilitou um redimensionamento de si mesmo para criar um “novo”, nesse caso uma cultura brasileira própria, original tanto perante o outro estrangeiro quanto perante o mesmo da tradição. No âmbito da tradução no Brasil, percebe-se que é a partir do conceito oswaldiano de antropofagia que se instaura, principalmente com os irmãos Campos, um tipo de tradução que busca sua autonomia, sua personalidade própria. Afastando-se da hegemonia européia, apropria-se do outro *deglutindo-o*, na forma de uma “transcrição” que, ao mesmo tempo em que rompe com um modo europeu até então tido como culturalmente superior, impõe à língua nacional uma violenta transformação, alimentando-a com neologismos inusitados e iniciando uma inédita reflexão sobre o traduzir. Haroldo enfatiza a importância de estrangeirizar a língua portuguesa, ao contrário de outros tradutores, tradicionalmente interessados em vernacularizar as traduções.

Mais tarde, no contexto pós-moderno a reflexão em torno do tema intensificava-se, em todos os domínios: psicanalítico, linguístico, político, social e cultural. O aprofundamento dessa questão em torno da tradução acompanha, além disso, um *desafio social* que apontou, no final do século XX, para a percepção da necessidade de compreensão do outro, das outras culturas e tradições. A principal contribuição dessas reflexões reflete-se num profundo questionamento das atitudes arrogantes impostas pelas normas hegemônicas da cultura ocidental, atitudes etnocêntricas que não aceitam as diferenças e sempre consideraram os seus saberes inquestionáveis. Na esteira dessa tendência, os estudos de tradução passam a ser marcados, correlativamente, pela *pluralidade* que caracteriza os tempos atuais, no sentido de desvio das abordagens dicotômicas tradicionalmente praticadas em tempos anteriores – vale lembrar que esse tipo de relação dicotômica sempre prioriza hierarquicamente um dos pólos e é nesse sentido que passou a ser rejeitada. As teorias contemporâneas buscam escapar a todas as formas de polarizações, as quais são sempre articuladas em torno do tradutor e do outro (texto/língua/autor estrangeiro).

Na reflexão filosófica contemporânea, vale mencionar Emanuel Lévinas (1988) como um dos importantes autores no que diz respeito à alteridade. O outro, para este autor, não é um objeto para um sujeito, a relação com o outro é a base de uma *co-presença ética*. A reflexão sobre a alteridade de Lévinas ajusta-se ao mundo atual na medida em que o autor propõe pensar a alteridade em termos de *responsabilidade*, buscando outra alternativa para a relação com o outro que não seja a do amor, porque considera esse termo já muito desgastado e banalizado nos discursos em geral. Marcos Siscar reflete sobre essa questão da alteridade na tradução apontando a consideração da singularidade irreduzível do texto, de seu caráter intraduzível necessariamente relacionado à noção de *responsabilidade*, acrescentando que esta “pode ser entendida como momento ético da tradução, como momento *crítico* no sentido de crise da escolha” (2000: 69). Essa *crise* aponta para uma reflexão essencial no que se refere às manifestações pulsionais do polítradutor bretão aqui investigadas, uma vez que há algo de ambivalente presente na formulação robiniana da *não-tradução*.

Uma das principais ocorrências na transformação do pensamento sobre a tradução pode ser notada a partir da publicação, na França, de *L'épreuve de l'étranger* (1984). O autor, Antoine Berman, ao longo de toda a sua teoria da tradução, revolucionou os estudos nessa área principalmente pelo aspecto ético de sua abordagem, propondo uma teoria que condena os excessos e as dicotomias e destacando uma relação dialógica nos moldes daquela formulada por Mikhail Bakhtin (1998). Berman propõe, assim, um *descentramento* no que diz respeito às tentativas de se determinar o que é a fidelidade na tradução, enfatizando “o diálogo, a mestiçagem” (2002: 17) nesse gesto ético – segundo ele, o único meio de retirar a tradução de sua condição servil e de, ao mesmo tempo, protegê-la do gesto etnocêntrico.

Outros autores, como Henri Meschonnic (1970), também abordaram conceitos relativos à ética do traduzir, mas no caso deste último, a ênfase recai sobre as relações

de poder e historicidade, abordando aspectos mais próximos de uma filosofia histórico-materialista, enquanto que a teoria de Berman é direcionada para a questão ontológica da alteridade, a *relação entre o próprio e o estrangeiro*.

Os discursos mais recentes, desde 1990, realçam um paradigma culturalista proveniente da antropologia, em autores como André Lefevere e Susan Bassnett — o chamado *cultural turn*. Nesse caso, a questão da alteridade enfatiza as diferenças culturais e ideológicas, analisando o papel manipulador das traduções e do tradutor. Seus defensores sustentam uma posição mais pessimista em relação àquelas de Derrida que reabilitam o tradutor, pois, na perspectiva antropológica, a realidade do capitalismo não permitiria ao tradutor ser devidamente valorizado.

Walter Benjamin (1991) e Jacques Derrida (1982) recontextualizaram a relação entre original e tradução, redefinindo e valorizando a situação do tradutor, que teoricamente passa a ser o complemento ou suplemento produtivo de que o original necessitaria para se perpetuar. O tradutor não é mais um ser insignificante que pede desculpas por ter invadido a obra do outro, sempre imperfeitamente. Ao contrário, invertendo o pensamento tradicional, o tradutor passa a ser aquele a quem o autor deveria, antes, agradecer, tornando-se até mesmo um devedor diante daquele que promove a sua obra e a faz sobreviver. Foi, portanto, no âmbito do desconstrutivismo que a figura do tradutor adquiriu relevância; além disso, essas teorias caracterizam-se por sua radical resistência a qualquer pensamento que pressuponha uma “essência” estrutural profunda, questionando o caráter sagrado tradicionalmente atribuído aos significados supostamente estáveis do texto original. A perspectiva desconstrucionista permite uma releitura dos textos filosóficos e/ou literários ocidentais que incide sobre a tradução; esta, por sua vez, se enriquece com a contribuição da psicanálise de Freud e de Lacan, sobretudo no que se refere às noções de inconsciente e transferência. Arrojo (1993), por exemplo, aborda o trabalho de Jean Laplanche — o qual traduziu Freud para o francês visando propor correções definitivas das traduções anteriores, muito deficientes —, sugerindo que ele acaba por se apropriar dos textos ao julgar sua interpretação como sendo a única suficientemente boa. Ou seja, Arrojo denuncia uma tentativa fracassada de leitura definitiva da parte de Laplanche.

Assim, a ótica pós-estruturalista põe em questão e valoriza o sujeito tradutor. Este adquire o estatuto de “produtor de significados”, e as implicações da psicanálise nesse contexto são definitivas. *Alteridade aqui aponta para o Outro*, remetendo ao conceito de Inconsciente em psicanálise. As considerações contemporâneas a respeito do sujeito tradutor, assim fundamentadas, partem da tentativa de fugir dos pontos de vista opostos pelo dualismo cartesiano, de mostrar que a identificação almejando o Um é herança de um pensamento filosófico, de Platão a Kant, que pretende chegar à síntese sem levar em conta a problemática da falta e da diferença. A psicanálise é fundamental para se pensar a questão da busca de *identificação* do tradutor com o outro poeta.

Por sua vez, a abordagem psicanalítica da tradução parece importante no sentido de levar a uma explicação dos mecanismos inconscientes que interagem no processo tradutório, sobretudo quando se analisa o *posicionamento tradutório explícito*

do tradutor⁴. A psicanálise, colocando o sujeito em primeiro plano, vai além do nível meramente fenomenológico, uma vez que trata o real pela via do simbólico. Para Berman, “a psicanálise mantém, sem dúvida, uma relação ainda mais profunda com a tradução, na medida em que interroga a relação do homem com a linguagem, as línguas e a língua dita ‘materna’ de uma maneira fundamentalmente diferente daquela da tradição” (2002: 317).

Berman, em outro texto, sublinha que os aspectos éticos e a poeticidade são “a garantia contra quaisquer arbitrariedades interpretativas” (1989: 281), e define a tradução como “uma relação mais responsável do que outras” (1989: 272). Para ele, a única relação de alteridade possível pressupõe uma fidelidade relativa – ou seja, *um certo respeito ao outro* –, mesclada a uma eficiência poética que garanta o *se-fazer poético* na tradução. Diante da impossibilidade de fidelidade total – hospitalidade incondicional –, a atitude ética possível, para Derrida (1997), é aquela “negociada” em cada situação singular. Considerando, pois, que tanto a filosofia quanto a psicanálise empreendem uma tentativa de investigação e elucidação das estruturas profundas do ser, esses autores buscaram associar-lhes uma abordagem que incluísse o aspecto ético.

Armand Robin: um poeta tradutor além de seu tempo

Se em seu tempo Armand Robin foi um ser incompreendido e considerado estranho, a situação parece estar mudando nos dias de hoje; porém, as tentativas de resgatá-lo estão ainda distantes das possibilidades inéditas de sua genialidade e de suas intuições. A recusa em se moldar a uma idealidade acadêmica e burguesa, assim como a renúncia à condição de escritor continuam sendo objeto de especulações em torno de estereótipos, de caricaturas sentimentais e apaixonadas, não alcançando a profunda percepção ética e o real papel precursor do seu trabalho poético e o de suas traduções.

A biografia de Robin revela que ele se recusa a se comprometer com ideologias, uma vez que, desiludido, havia assistido ao declínio da maior utopia do século XX; inconformado, ele reage, mas parece não haver nesse novo mundo desorientado alguma alternativa possível. Aquele sujeito moderno, que deixava para trás o sonho de um Estado ético como imaginado por Hegel, ainda nem compreendia o que estava se passando ao seu redor. Prova disso são os inúmeros textos que evocam um estado de retiro, de errância para longe de si mesmo, sem tempo, sem lugar. Alguns fragmentos como *Passager hasardé*, *Adam nu*, *Le créateur*, *Possibilité flottante* e outros – reunidos em *Fragments* (1992) –, confirmam uma existência fragmentada, pois esses textos, além da temática evocada, são freqüentemente

⁴ Por meio de uma analogia simples, pode-se constatar que assim como uma poética serve para entendermos o que o artista pretendeu com sua obra (mas não necessariamente o que ele fez), as reflexões do tradutor sobre o seu trabalho comunicam-nos o seu modo de traduzir. Nos dois casos, existe um modo implícito de construção da obra ou da tradução manifestado no que efetivamente foi feito, mas nem sempre – ou quase nunca – há coincidência entre o discurso e a prática.

inacabados, às vezes não se parecem nem com poesia, nem com tradução, nem com crítica. Aliás, como Morvan afirma em seu prefácio, esses textos “são acima de tudo notáveis porque tomam uma forma poética apenas pela preocupação com uma exatidão que sempre se esvai. Oriundos de traduções, de ensaios críticos, eles apagam o limite do gênero” (1992: 27). Esses fragmentos póstumos têm como característica singular o fato de possuírem várias versões para um mesmo tema, testemunhando a importância da escritura como um *exercício filosófico*. Vejamos um exemplo à luz de um dos mais belos fragmentos poéticos de Robin, cuja temática surge em estreita harmonia com a leveza do tom, remetendo à fluidez das águas:

Todas as outras vidas estão na minha vida,

Pelas nuvens nuvem presa,
 Riacho de relva em relva surpreso,
 Fugi de vida em vida,
 Pressa nunca arrefecida.

Do tempo estarei à frente,
 Far-me-ei flutuante, movente,
 Serei uma truta de prata somente⁵.

De vida em vida, de língua em língua, Robin se faz *truta de prata*, imagem reluzente do corpo livre e fluido deslizando eternamente, ondulante, pelas águas. Robin queria fugir dos grilhões *da obra* convencional que se esperava de um poeta francês, sobretudo numa época em que se preconizava um retorno ao verso clássico alexandrino. Robin *sabe* que é *diferente* e que seu trabalho não pode ser compreendido em seu tempo; portanto, só lhe resta se refugiar nos poemas dos outros, e brilhar apenas pelo reflexo das águas – “do tempo estarei à frente/ farei-me flutuante, movente”. O que poderia ser romântico mostra-se dramático diante de sua opção radical e definitiva pelo trabalho de tradução: por meio dela, Robin almeja “saltar o muro da existência individual” (1992: 17) – reação típica do sujeito moderno desancorado, sem identidade, que reflete a crise ética da sociedade contemporânea. Esse sujeito fragilizado luta contra um desejo ditado então pelo inconsciente individual, não mais por razões morais, transcendentais, filosóficas ou religiosas. Os sentimentos de anulação, de aniquilamento, de não-existência, são temas recorrentes em sua poesia.

Faz-se, portanto, necessário atentar para certa *tendência exagerada ao mito* presente nas abordagens dos comentadores de Robin, os quais insistem em explorar

⁵ Por meio de uma analogia simples, pode-se constatar que assim como uma poética serve para entendermos o que o artista pretendeu com sua obra (mas não necessariamente o que ele fez), as reflexões do tradutor sobre o seu trabalho comunicam-nos o seu modo de traduzir. Nos dois casos, existe um modo implícito de construção da obra ou da tradução manifestado no que efetivamente foi feito, mas nem sempre – ou quase nunca – há coincidência entre o discurso e a prática.

sua poesia por aproximação com as figuras de exílio e exclusão; limitando-se a apontá-las, deixam de lado a proposta essencial para uma teoria da tradução, ou de uma teoria do *sujeito tradutor*. Obviamente que a identidade de Robin como pessoa e aquela do tradutor se confundem, mas os textos organizados em torno das publicações da obra de Robin, inclusive os de Morvan, não abordam as questões teóricas ou da prática da tradução que teriam maior interesse para o estudo do perfil paradoxal do *sujeito tradutor*. Refiro-me à importância da análise, em suas traduções, do seu modo de ação explícito, abordando questões relevantes que não se limitem à dramatização da situação de um sujeito atormentado, excluído.

Embora Robin tenha dito que “conserva o termo de tradução”, suas publicações, em dois volumes, são intituladas *Poesia não traduzida*. Verifica-se assim que a recriação, denominada transcrição em Campos, ou renovação (*make it new*, em Pound), ou a *não-tradução* em Robin, para além da redefinição da atividade tradutória que reflete uma concepção poética particular, parecem ser uma forma de afirmação da identidade do poeta que não quer ser a sombra do autor. Curiosamente, as renomeações têm de semelhante a (nem sempre dissimulada) supervalorização radical da tradução que, aliás, se opõe à sua histórica desvalorização – o que, no limite, a meu ver, corre o risco de trair a consciência ética de uma atitude pós-estruturalista que condena as polarizações e pretende estar fundamentada na noção de alteridade. Além disso, esse paradoxo, em que há pretensão de ser ao mesmo tempo criativo e fiel, parece legitimar as renomeações e em Haroldo de Campos elas são tantas quantas as suas recriações: *transcrição*, *transluminação*, *transluciferação*. Obviamente ele pretende, recorrendo ao prefixo “trans-”, apontar para a idéia de transformação (ou apropriação?), assim como apontar para uma inversão da famigerada idéia de cópia.

A entrevista concedida ao *Figaro* em 3 de novembro de 1942 (*Écrits Oubliés I*, 1986) é mais do que esclarecedora para a compreensão de seu trabalho. Atentos à sua lucidez, é possível testemunhar os subterfúgios por meio dos quais Robin sempre recorre ao universal. Vejamos a seguir os trechos mais significativos da entrevista:

Esse “passatempo” [estudo das línguas estrangeiras] tem como desfecho um estudo da substância⁶ geral do homem. Ele permite primeiramente considerar sua própria língua em sua universalidade, permite libertá-la, confrontá-la ao melhor; tecnicamente, este passatempo busca o meio mais seguro não somente de aprender sua língua, mas ainda de “surpreendê-la”: um escritor de língua francesa pode, a partir de então, considerar o francês como o lugar geométrico das formas esparsas em todas as outras línguas. [...] As línguas constituem armas intelectuais, instrumentos internacionais que me esforço em conquistar, pois necessito viver absolutamente no universal,

⁶ Morvan esclarece em nota (p. 172) que alguns termos parecem incertos devido à composição tipográfica defeituosa e transcreve, nesse caso, “subsistência”; diante dessa dúvida, optei por “substância”, a meu ver mais coerente com o conteúdo do discurso de Robin.

sair de mim mesmo, romper com todos os limites que nos são propostos. Quero ser o maior número possível de homens; quero variar sem cessar as metas e os meios para desviar em mim todas as “rotinas” da vida individual. (1986: 172-173, grifos do autor)

Surpreender a sua língua: eis a chave do trabalho poético do tradutor, buscando na pluralidade dos idiomas convergir para o lugar geométrico que une e liberta as formas esparsas em todas as línguas. Robin quer fugir da rotina e diz ver nas línguas estrangeiras um passatempo; na verdade, afastar-se da língua própria é o meio eficaz não só de aprendê-la, mas de surpreendê-la, como ele afirma na entrevista. *Surpreender a língua própria* considerando-a em sua universalidade significa um novo olhar não só para o que nela estava velado e só pelo contato com o outro é revelado, mas também para o que nela estava interdito pela norma ou pelo hábito. É uma nova identidade que surge, ainda que precária e momentânea.

Embora Robin não tenha sido formalmente um filósofo, nem um teórico — exatamente por isso nem sempre interpretado de forma objetiva —, sua proposta coincide com um viés muito atual, relacionado com a releitura dessas questões em torno dos seus aspectos éticos, enfatizados por pensadores contemporâneos como Emmanuel Lévinas, Jacques Derrida ou Antoine Berman. Em seu texto *De l’Hospitalité* (1997), Derrida insiste no fato paradoxal de que, para haver decisão ética, é preciso que *não haja* norma ética, nem regras, nem normas prévias. Ou seja, o fato de se submeter a regras ou normas invalida a decisão ética, sendo preciso, então, *reinventar* cada situação singular ou regras que não existiam previamente. Reinventando uma ética, intrínseca ao próprio *se fazer*, o sujeito passa a ter a responsabilidade pelo compromisso assumido entre ele e suas vontades, não pode mais culpar uma ética imposta pelas falsas moralidades, extrínsecas ao seu desejo. Em outras palavras, a partir da modernidade, a interdição que antes vinha de fora, passa a inscrever-se no inconsciente, e essa nova liberdade instaura o drama da responsabilidade de se *criar* um sentido para a existência.

Vale citar o próprio Robin falando de literatura na Bienal de Paris:

Quaisquer que fossem os poemas que tínhamos diante de nós, observávamos constantemente que mesmo a desordem, sobretudo a desordem, estava ali bem ordenada. A poesia é certamente a linguagem desvencilhada de seus laços habituais, mas não é uma linguagem dissolvida; ao contrário, é uma linguagem absoluta. Parece tratar-se de uma velha lei eterna: quanto mais o que está expresso é, em princípio, inexprimível, mais ocorre profunda rebelião — e maior é a necessidade de formulá-lo com rigor. (1990: 9)

A profunda consciência do intraduzível (inexprimível) fundando a própria necessidade de sua tradução (de sua formulação) pertence a um pensamento atualíssimo e que está na essência das teorias da tradução de Benjamin, retomadas

por Derrida e Berman, entre outros. Esse pensamento está na própria essência da literatura enquanto promove um descentramento, um “desvio” do habitual, da rotina, que só é possível mediante a prática de um ato singular ou de sua reescritura. Tal como Mallarmé em seu *Crise de Vers*, descrevendo precisamente, pelo próprio ritmo fragmentado do poema, uma desordem em busca da “língua suprema”.

É importante lembrar o contexto dos tempos sombrios à época de Robin: o mundo que se forma após a guerra é tumultuado, e as tradições e culturas locais, principalmente regionais, apagam-se diante do movimento de afirmação das nações que se reerguem das cinzas. A uniformização daí decorrente preocupa-o terrivelmente. Pode-se dizer que, nesse sentido, Robin já estaria inserido num processo de globalização ainda não identificado, e que se mostrará, mais tarde, contraditório, pois se percebe que nessa defesa das culturas nacionais há, ao mesmo tempo, a preocupação em legitimar a continuidade da Nação e um descentramento das culturas nacionais em direção ao “universal”. Robin parece representar essa nova identidade móvel, em deslocamento; além disso, seu interesse por literaturas de todo o mundo, principalmente as orientais, além de mostrar uma insistência na busca de diversificação, aponta para um desvio do cânone europeu que também anuncia o descentramento pós-moderno. A chamada *não-tradução* de Robin nomeia uma experiência cujos traços transitam o pensamento contemporâneo: a sua *forma negativa*, que define uma experiência oposta à tradição (etnocêntrica); a *diferença* aí instalada como acolhida ao outro; a heterogeneidade de línguas; a fragmentação da própria obra; a denúncia de um discurso totalitário (comunismo) e a previsão de um domínio absoluto do tecnocentrismo, apontando um inequívoco sentido político, sem dúvida, mas, sobretudo, rebelando-se contra “a falsa palavra”, denunciando os mecanismos alienantes e persuasivos das mídias e da propaganda política. Por esses traços pode-se começar a perceber que a “busca pela Palavra verdadeira” expressa no discurso de Robin não se traduz simplesmente por uma “crença na Verdade Absoluta” – principal traço logocêntrico da modernidade ocidental⁷.

Robin proclamava a possibilidade de uma convivência harmoniosa entre as línguas, como quando, no programa de rádio, confessa ter a impressão de uma fusão do húngaro e do francês: “parece-me que eles podem viver unidos e separados, idênticos e diferentes” (1990: 14). Essa consciência da possibilidade de uma coexistência das diferenças, já proclamada por Benjamin, não remete a uma dimensão transcendental ou utópica, mas à real dimensão lingüística, cuja condição plural e diversa só se revela na tradução poética. De fato, o tradutor que consegue vivenciar profundamente essa dimensão dialógica parece – ao menos Robin busca demonstrá-lo –, atingir um *estado de êxtase*. Enfim, o Robin nômade e errante está

⁷ Perrone-Moisés, que descreve em seu texto os traços distintivos da pós-modernidade em relação à modernidade por meio do mapeamento das leituras valorativas de alguns escritores-críticos selecionados, afirma “o quanto essas oposições simples são falsas, desmentidas pela teoria e pela prática dos escritores-críticos modernos” (1998: 183). O interesse por essa discussão reside na intenção de esclarecer que a atitude aparentemente “romântica” de Robin em direção à Palavra poética não o torna um idealista utópico. A autora lembra ainda que “já foi apontado, por exemplo, que a desconstrução derridiana [...], apesar de antiidealista, tem raízes românticas” (p. 189).

visível desde a primeira obra publicada *Ma vie sans moi* (1940), quando propunha um jogo interno à obra que dissolvia os limites da poesia e da tradução, os limites entre o próprio e o outro. Essa tendência acentua-se na medida em que renuncia definitivamente à própria obra poética para só traduzir o outro, atitude radical sempre reafirmada em seus comentários e poemas sobre a tradução. Mas as traduções em si, num sentido concreto, apontam para a participação da elaboração de um conceito chave na pós-modernidade: o de “recriação”, que já se circunscreve desde a renomeação de sua atividade, a *não-tradução*.

Lembrando que foi Robert Desnos o inventor da poesia radiofônica na França, a experiência da *não tradução* de Robin aponta para o caráter inovador da difusão de poesia *traduzida* no programa de rádio. De certo modo, essa possibilidade de “acessar” o mundo todo por meio da escuta radiofônica poderia remeter ao protótipo rudimentar desse espaço universal que determinou um tipo de cultura multidirecional só estendido ao alcance de todos a partir do ciberespaço. A experiência de Robin já buscava extrapolar a linearidade da linguagem, colocando os textos em situação muito mais ampla do que a simples transmissão de mensagens. Aliás, na própria literatura temos vários exemplos — vide os procedimentos em Joyce ou Cortázar — da existência de uma escrita *multidimensional* formada por uma pluralidade de percursos narrativos labirínticos que é anterior ao surgimento da informática. Obviamente, a diferença fundamental estaria justamente na dimensão unidirecional da atividade de Robin, a ausência do aspecto de interação. Segundo Pierre Lévy, em *Cibercultura*, as mídias eletrônicas — continuando um processo de descontextualização instaurado pelo advento da escrita — acrescentam outro elemento de ruptura com a pragmática da comunicação oral na medida em que os telespectadores, “no plano da existência midiática, jamais são atores” (1999: 117), estabelecendo uma recepção passiva, isolada, alienada.

Bescond, ao apresentar Robin como “o primeiro poeta da WEB”, provavelmente inspirou-se no impacto causado pelo texto “profético” de Robin, *La fausse parole* (1979, reeditado em 2002). Nesse texto — que foi objeto de um estudo de história política na Faculdade de Direito de Rennes —, Robin assiste, temeroso, ao nascimento e desenvolvimento das mídias, pressentindo o poder fantástico de transformar o real e de transformar-nos em “milhões de cegos” (2002: 27). *La fausse parole* é um ensaio de natureza político-libertária e é considerado a obra-prima do poeta, pois revela um texto profético, tanto na denúncia das engrenagens da estratégia de propaganda comunista, quanto na intuição dos malefícios de uma globalização veiculada pelas poderosas mídias⁸. Enfim, não seria incorreto dizer que a natureza instantânea e descentralizada da atividade polítradutória na rádio — indo de um autor a outro, de uma língua a outra, divulgando poetas e poemas desconhecidos e possibilitando a superposição de ritmos e falas —, ainda que

⁸ O tema da alienação, “perda consentida dos sentidos das palavras”, já estava presente desde 1945, quando a Federação Anarquista publicava *Les poèmes indésirables*, cujos exemplares eram distribuídos de mão em mão pelo próprio Robin.

limitada pelo alcance da transmissão radiofônica, compõe um espaço de interseção do mapa-múndi que, de fato, remete a uma espécie de primórdios da internet.

O instante mágico dos programas na rádio (textos reunidos em *Poésie sans passeport*, 1990), em que os papéis de autor e tradutor se misturam, se confundem, não só permite que Robin “trans-ponha” a histórica oposição rígida entre original e cópia, mas, sobretudo, exhibe um modelo de intertexto que remete ao hipertexto eletrônico contemporâneo, no qual a *desconstrução da identidade* aponta para os diferentes papéis que o mesmo sujeito pode desempenhar. Tal forma de expressão, em que nem produção e nem leitura ocorrem de modo linear, descaracteriza a tradicional idéia de obra individual e propõe um tipo de obra coletiva, múltipla, às vezes anônima como Robin preferia, fragmentada muitas vezes. A presença simultânea de línguas diferentes determina um evento poético único e extraordinário, e ao mesmo tempo propõe uma infinidade de possibilidades de “conexões” na medida em que, refletindo-se e desdobrando-se, gera mais textos e mais leituras. Obviamente, não se pode negligenciar o papel atuante e controlador do sujeito na mídia, em contraposição à exclusão do sujeito no evento cibernético, sem controle.

Reprodução excessiva e descontrolada parece ser o mote nos tempos atuais, o que não deixa de remeter ao espaço da polítradução, tanto no que se refere ao fator pulsional que a engendra – disseminação incontrolável de si pelo outro –, quanto à questão da *crise de identidade* que a própria ideia de múltiplo encerra.

O exemplo de Robin, portanto, parece ser raro nesse sentido. A forma louca e delirante pela qual ele diz a sua paixão faz parte, paradoxalmente, de um projeto lúcido, e que expõe com clareza e tática a sua relação com as línguas e com a língua materna. Por outro lado, ao decidir investigar uma problemática tão exclusiva e peculiar, este trabalho privilegiou a *situação do tradutor*, o que não significa pretender simplificar ou desprezar a conquista dos estudos contemporâneos da tradução literária voltados para a noção de alteridade, para a complexidade do texto original.

Enfim, este ensaio buscou “compreender” principalmente *como* a pulsão polítradutória se manifestava na obra de Robin, *o quanto* a multiplicidade da polítradução era positiva. Isto significou acrescentar aos axiomas místicos/míticos da questão da *pulsão tradutória* uma reflexão baseada no valor do complexo projeto de *não tradução*, uma vez que é por meio dessa retórica lúcida e apaixonada que Robin diz a sua pulsão. Pode-se considerar que a dimensão libertadora dessa crônica marginal *autêntica e legítima* o trabalho de Robin, tanto em sua poesia fragmentária, quanto em suas traduções.

ARMAND ROBIN: THE POLYTRANSLATION IMPULSE

Abstract: This study approaches the polytranslation impulse by analyzing its manifestation in the writings of the Breton poet translator Armand Robin (1912 - 1961). This *impulse*, bound to an intended *metaphysics* in Berman's writings (1984) - defined as the romantic quest for the "pure language" -, is reevaluated in this essay focusing on the aspects concerning Robin mentioned previously. Although he forsakes being an Author and claims the denial of himself (rejection), underlying this exalted chronicle of *non-translation* there is an attempt to subvert an ethnocentric French tradition and an inner desire of authorship (reassurance and acceptance).

Keywords: Armand Robin; alterity; polytranslation; non-translation.

REFERÊNCIAS

ARROJO, Rosemary. *Tradução, Desconstrução e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de estética*. 4 ed. São Paulo: Unesp/Hucitec, 1998.

BALCOU, Jean. BESCOND, Jean. COMBOT, Paolig. *Armand Robin: La quête de l'universel*. Morlaix: Editions Skol Vreizh, 1989.

BENJAMIN, Walter. La tâche du traducteur. In: *Po&sie*. Paris: Belin, 1991.

BERMAN, Antoine. *L'Épreuve de l'étranger - Culture et traduction dans l'Allemagne romantique*. Paris: Gallimard, 1984.

_____. La traduction et ses discours. In: *Meta XXXIV*, 4, Paris, 1989.

_____. *Pour une critique des traductions: John Donne*. Paris: Gallimard, 1995.

_____. *L'épreuve de l'étranger - Culture et traduction dans l'Allemagne romantique*. 1984. A prova do estrangeiro. Cultura e tradução na Alemanha romântica. Maria Emília P. Chanut. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

CAMPOS, Haroldo. de. *Da tradução como criação e como crítica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1962

_____. *Metalinguagem*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1967.

DERRIDA, Jacques. *L'oreille de l'autre, otobiographies, transferts, traductions*. Montréal: VLB, 1982.

_____. Des tours de Babel. In: *Psyché - Invention de l'Autre*. Paris: Galillé, 1987.

_____. *Le monolinguisme de l'autre*. Paris: Galilée, 1996.

_____. Résistances. In: *Résistances de la Psychanalyse*. Paris: Galilée, 1996.

_____. *De l'hospitalité*. Paris: Calmann-Lévy, 1997.

FREUD, Sigmund. *ESB (Edição Standard Brasileira)*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GUILLET, Mireille. Recherche sur la poésie contemporaine. Armand Robin: L'incondition poétique. Aix en Provence: Thèse, 2 vol., 1988, 532 p.

LECERCLE Jean-Jacques. *La violence du langage*. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.

LÉVINAS, Emmanuel. *Ética e Infinito*, Lisboa: Edições 70, 1988.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

MESCHONNIC, Henri. Pour une poétique de la traduction. In: *Les Cinq Rouleaux*. Paris: Gallimard, 1970.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas literaturas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ROBIN Armand. *Poésie Non Traduite*. Paris: Gallimard coll. Blanche, 1953.

_____. *Poésie Non Traduite II*. Paris: Gallimard coll. Blanche, 1958.

_____. *Ma vie Sans Moi*. Paris: Gallimard coll. Poésie, 1970.

_____. *Le Temps Qu'il Fait*. Paris: Gallimard Coll. L'Imaginaire, 1986.

_____. *Ecrits Oubliés I. Essais Critiques*. Rennes: Ed. Ubacs, 1986. Textos reunidos e apresentados por Françoise Morvan.

_____. *Poésie sans Passeport*. Texte établi et prés. par F. Morvan. Rennes: Ed. Ubacs, 1990.

_____. *Fragments*. Gallimard Coll Blanche, 1992.

_____. *La Fausse Parole*. Paris: Ed. Le temps qu'il fait, 2002.

SISCAR, Marcos A. Jacques Derrida: o intraduzível. In: *Alfa* (São Paulo), v. 44, p. 59-69, 2000.

ARTIGO RECEBIDO EM 31/08/2012 E APROVADO EM 04/10/2012.